

Choque econômico não é esperado

■ Relatórios de consultorias apostam no ajuste das contas públicas, mas admitem medidas de impacto se a inflação disparar

SÔNIA ARARIPE E
NILTON HORITA

O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, pode administrar a economia sem a adoção de um choque econômico até o processo de discussão da revisão constitucional. Segundo economistas, a simples escolha de seu nome para o ministério foi equivalente a um choque de estabilização emocional do país.

As principais consultorias econômicas e bancos que operam com investidores internacionais acabam de preparar relatórios sobre suas previsões para os próximos meses. A maioria aposta que o trabalho deverá começar mesmo pelo ajuste nas contas públicas. Com bom jogo de cintura, a equipe de *tucanos* tentará fazer uma hábil negociação política, para mudar no Congresso a queda-de-braço pelos recursos públicos. Choque, ortodoxo ou heterodoxo, não é esperado para agora. Mas pressionados pelo impacto negativo que um galope mais acelerado da inflação possa causar ao governo, medidas de impacto não estão descartadas.

“Controle nas contas públicas será o primeiro trabalho. Mas depois podem vir mudanças mais fortes, principalmente para conter a grande expansão monetária”, aposta Marcelo Serfaty, economista e gerente da área internacional do Banco Pactual, administrador de uma das maiores carteiras de clientes estrangeiros. No relatório em inglês enviado para 200 clientes internacionais, estão descartadas jogadas heterodoxas que já foram tentadas, como congelamento de preços. Mas não é improvável que sejam tomadas medidas ortodoxas, como redução nos gastos públicos, controle monetário e mudança no câmbio.

Congelamento — “É difícil dizer o *timing*. Mas lá para agosto ou setembro deverá ser a época que a pressão por mudanças ficará forte demais”, prevê Luis César Fernandes, principal sócio do Banco Pactual. Os clientes estrangeiros do Banco Liberal também acabam de receber uma análise sobre a nova equipe econômica. O documento também aposta que o trabalho começará pelo corte nas despesas,

mas é um pouco mais direto: deixa aberta a porta para um possível congelamento de alguns preços e adoção de âncora cambial.

Mas a conclusão da carta enviada a 100 investidores é um voto de confiança na troca do comando da equipe econômica. “Estamos acreditando que há ótimas oportunidades de investimentos não só no mercado acionário como também em renda fixa”, explica Antônio Carlos Lemgruber, diretor do banco e autor das análises mensais.

O cientista político e consultor Sérgio Abranches pode falar com experiência sobre como funcionam as *cabeças* dos novos integrantes da equipe econômica. Conhece todos da PUC e não vê possibilidade de choques imediatos. “Eles aprenderam muito com os últimos planos. Sabem que a sociedade rejeita medidas apenas de curto efeito.”

Adriana Lorete — 11/7/91



Abranches: problemas fiscais

Murilo Menon — 18/4/93



Mailson descarta hiperinflação

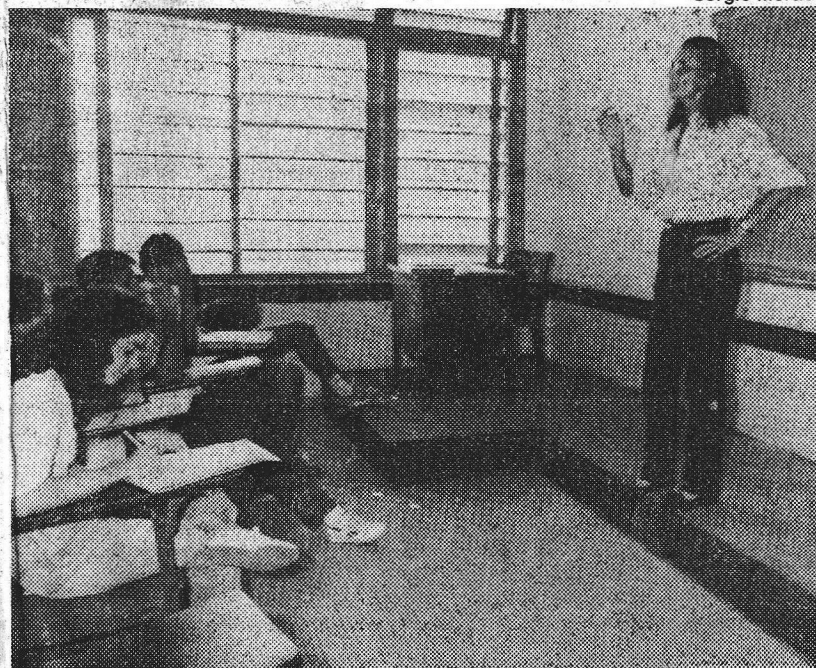
Dá como certo que os economistas vão traçar como prioridade o ataque aos problemas fiscais. “Todos têm experiência de dentro do partido para negociar até mudanças constitucionais.”

Acordo — Realista, porém, Abranches admite que se a inflação mudar de patamar, os amigos poderão até pensar em medidas mais fortes. “Não quero falar em choque. Mas não descarto o anúncio, dentro de alguns meses, de um acordo combinando medidas na área fiscal e de melhoria de renda.”

Gil Pace, diretor da GPC Consultores, traçou um quadro bem pessimista para seus clientes. “Temos dúvidas se o perfil operacional do senador Fernando Henrique não ser compatível com as necessidades impostas pelas diversidades diárias pertinentes ao Ministério da Fazenda.” Espera um aprofundamento da crise institucional, política e econômica e deixa claro que os membros da equipe já falaram anteriormente sobre mudanças heterodoxas.

O ex-ministro Mailson da Nóbrega, sócio da MCM Consultores Associados, por exemplo, diz que não há risco concreto de haver uma explosão inflacionária, embora as condições não permitam uma redução das taxas. O economista Carlos Geraldo Langoni, ex-presidente do BC e diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas, concorda, mas está mais otimista em relação à inflação.

Langoni afirma que se o ministro Fernando Henrique se antecipar ao processo de revisão constitucional, que começa em outubro, e em trinta dias lançar suas propostas sobre o assunto, estará sinalizando positivamente ao mercado. Dessa forma, a inflação teria condições de cair gradativamente. Depois de modificada a Constituição de 88, de acordo Mailson da Nóbrega — com o estabelecimento de um novo grau de relacionamento financeiro e administrativo entre União, estados e municípios — aí sim haveria uma situação que poderia abrir novo debate sobre a conveniência ou não de um choque para desindexar a economia.



Sergio Moraes

□ “É preciso segurar a euforia. Temos pouco tempo e muito trabalho pela frente.” A economista Elena Landau, que trabalhará junto a Edmar Bacha na assessoria ao ministro Fernando Henrique Cardoso, está preocupada com o nível de expectativa e ansiedade que se formou em torno da nova equipe. “Tem que baixar a bola”, disse ela ontem, ao sair da aula de Microeconomia I na PUC. Preocupada com o que considera “excitação demais no ar”, ela evitou falar sobre os rumos da política econômica, a não ser para descartar qualquer choque. E concluiu: “Nosso plano é trabalho, nossa âncora é a credibilidade.”